

"CANTAR É MOVER O SOM"...

Marly Chagas

Musicoterapeuta, psicóloga
Professora do curso de Musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música
Mestranda em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social - UFRJ

Utilização da canção popular na improvisação clínica em musicoterapia

Ora, ora, me pergunto o que a canção popular tem a ver com a improvisação clínica. Durante os últimos meses, a partir do momento em que fui convidada para participar desta mesa redonda, esta idéia rondou a minha cabeça, e foi comigo trabalhar...

Primeira sessão de Fabiana, adolescente de 18 anos, envolvida em um grave problema de saúde que a impede temporariamente de praticar esportes, além das dificuldades na escolha profissional, no relacionamento afetivo e familiar. Já no fim da sessão peço-lhe que cante a música que lhe vem na cabeça. Ela canta, e antes de cantar, por estes fenômenos de ressonância, a mesma música chegava na minha cabeça :

*"Deixa eu dizer que te amo,
Deixa eu gostar de você,
Isto me acalma..."(1)*

Muito emocionada não consegue cantar até o fim. Canto para ela. Na sessão seguinte canta , se divertindo muito:

*"Pensava que ainda fosse uma garotinha
Esperando o ônibus da escola, sozinha"(2)
Na terceira sessão improvisamos no piano..."*

Marisa tem atualmente 61 anos e está em terapia há três anos. Chegou em meu consultório tão transtornada e sentindo tal pavor que, no dia da primeira sessão, subindo as escadas da casa em que trabalho, parou no meio do caminho e começou a gritar o meu nome, totalmente apavorada. Marisa trabalha em terapia a possibilidade de suportar vivenciar o que sente, sem atribuir o disparar do coração a nenhuma patologia cardíaca, mas aos seus primeiros próprios sentimentos; sua autonomia perante a vida; a compressão da falta que a mãe lhe fez durante a infância e que ainda faz agora, depois de

(1) Amor I love you - Carlinhos Brow e Marisa Monte

(2) Malandragem - Cazuza e Frejat. Letra original " Quem sabe eu ainda sou uma garotinha"

morta; a expressão de sentimentos conflituosos em relação ao seu pai e a seus filhos; a aceitação de sua religiosidade e de sua busca espiritual; a expansão de sua enorme capacidade de criação. Vou contar para vocês duas situações clínicas envolvendo a canção popular no atendimento de Marisa.

Naquele dia Marisa estava em terapia há um ano mais ou menos e chegou para a sessão muito abalada. Seu pai de 86 anos, que até então morava com ela, anunciara que se casaria com sua namorada de 83 anos. A falta que antecipadamente o pai lhe provocava a fazia sofrer muito.

Peço que pense no seu pai e lhe dedique uma música. Marisa canta displicentemente, como quem não está me dizendo nada:

*"Pra você eu guardei, um amor infinito
Pra você procurei, o lugar mais bonito...(3)*

Canta com uma voz aguda, rápido, sem muito envolvimento. Penso que Marisa está superficialmente em contato consigo mesma. Peço para que ela imagine que seu pai está ali, na frente dela, e que ela vai cantar para ele com todos os sentimentos que ela tem agora por ele. Marisa fica um pouco em silêncio. Começa a chorar antes de cantar, mas canta a música inteira

*"... se você não voltar, o que faço da vida?
Não sei mais procurar a alegria perdida "*

Marisa canta, chora e se magoa. A qualidade de sua voz é fraca, baixa, escondida na garganta. As frases melódicas se interrompem, se encurtam. Penso que ela canta do lugar da menos valia e da dependência.

Digo-lhe para fechar os olhos e escutar. Ficar em contato com seus sentimentos. "Escute de um lugar especial dentro de si mesma. Agora 'o Pai' vai cantar para você".

Minha intenção clínica é a de que ela possa contactar outras camadas de seu ser, que lhe indiquem outros caminhos para a resolução de seus problemas e, para isso, utilizo a maravilhosa possibilidade polissêmica da música e a espantosa capacidade humana de atribuir muitos sentidos às coisas. Além disso confio totalmente na capacidade que os seres tem de, se forem facilitados a isto, buscar nos elementos que os circundam a fonte de seu próprio bem estar. Marisa, de olhos fechados, espera a voz do Pai. Canto para ela muito lentamente, as frases musicais ligadas, a voz grave, dramática. Canto a música inteira:

*"Pra você eu guardei um amor infinito
Pra você procurei o lugar mais bonito..
(..)
Ah, se eu fosse você eu voltava pra mim,
Voltava sim. Ah, se eu fosse você ..."*

Marisa aos poucos para de chorar, ergue o tórax, respira. Ao abrir os olhos fala pausadamente e me diz que deseja que seu pai seja feliz.

Há uns seis meses Marisa chega para seu trabalho terapêutico bastante empenhada no seu processo de transformações pessoais. No transcorrer da sessão peço-lhe para que cante uma música dedicada a ela própria. Marisa canta Carinhoso (4). Peço para que ela repita a canção e cante em primeira pessoa, dedicada realmente a ela, já que era essa sua intenção. Marisa canta:

*"Meu coração, não sei porque,
Bate feliz quando me vê
E os meus olhos ficam sorrindo
E pelas ruas vão me seguindo
Mas mesmo assim, fujo de mim
Ah! Se eu soubesse como eu sou
Tão carinhosa e o muito,
Muito que me quero
E como é sincero o meu amor
Eu sei que eu não
Fugiria mais de mim
Venho! Venho! Venho! Venho!
Venho sentir o calor dos lábios meus
A procura de mim
Venho matar esta paixão
Que me devora o coração
E só assim então
Serei feliz, bem feliz"*

Marisa se apodera da canção. Aceita a provocação e se diverte. A qualidade de sua voz é suave. Acompanha-se com o pandeiro e dança. Parece realmente feliz avaliando, através do canto, seu próprio desenvolvimento pessoal.

Millecco, Brandão e Millecco fizeram um belo e importante levantamento de muitas funções e sentidos da utilização clínica do canto. Para eles

"o canto é um elemento estruturante do ser humano (...), como um instrumento que habita nossos corpos, faz com que funcionemos como caixas de ressonância, de onde expressamos todo o movimento do que é vitalmente sentido"(5)

Mas o que ligaria a canção popular à improvisação clínica?

(4) Carinhoso - Pixinguinha e João de Barro

(5) MILLECCO FILHO, LUIS ANTONIO; BUANDÃO, M.R.; MILLECCO, R.. É preciso cantar. Musicoterapia, Canto e canções. Rio de Janeiro, Enelivros. 2001, p109

Pelo conceito clássico a utilização da canção é uma re-criação, que Bruscia (6) entende como o cantar, ou o tocar de uma música do repertório popular. Já a improvisação clínica consiste, para Bruscia, em um fazer musical em que a música é feita na sessão, através da criação de uma melodia, ritmo, som, seja cantando e/ou tocando algum instrumento sonoro.

Então cantar uma música popular é recriar. Improvisar é outra coisa. Gainza, contudo, entende a improvisação musical como

“ uma atividade projetiva que pode definir-se como toda a execução musical instantânea produzida por um indivíduo ou grupo. O termo improvisação indica tanto a atividade mesma quanto seu produto”. (7)

Deste ponto podemos estabelecer outras pontes. Afinal por que cantar uma canção se chama, na clínica, de re-criação e não, simplesmente, cantar uma música, ou fazer uma performance ? Porque aí entra exatamente o aspecto improvisacional da utilização da canção.

Quando uma pessoa canta, no setting musicoterapêutico, ele ou ela não reproduz simplesmente a canção, mas se apropria dela. A canção torna-se sua, passível de improvisos: recriação. Utilizada como uma atividade projetiva, a canção toma uma nova forma, instantânea, produzida ali pelo indivíduo ou pelo grupo, não é possível de ser repetida, é única. Não se confunde com a sua gravação oficial. Não objetiva a qualidade técnica ou estética. Seu co-autor, o cliente cantor, pode transgredir a qualquer forma já estabelecida de acompanhamento, de andamento, de harmonia, de prosódia.. A canção popular torna-se viva, re-criada, improvisada tanto pelo cliente como pela musicalidade clínica (8) do musicoterapeuta que irá perceber novos sentidos e novas possibilidades de encaminhamentos musicais na conhecida canção popular.

Vista sob a ótica da improvisação, muitas vezes a canção original funciona como uma estrutura rítmica ou harmônica que o musicoterapeuta oferece ao cliente, ou que o cliente mesmo traz, para que a improvisação se inicie . A canção está ali para ser apropriada, esgarçada, usada, pervertida, re-significada pela necessidade do cliente. A canção está ali para ser re-criada.

Então, concluo que a canção popular, re-criada, pode ser improvisada, mas também pode ser composta, e também escutada. Cada técnica se embrenhando na outra, cada aspecto musical utilizado na sessão de musicoterapia em benefício do cliente. A música se oferecendo como um universo maravilhoso de possibilidades.

(6) BRUSCIA, K. E . Case Studies in Music Therapy. Barcelona Publishers. Phoenixville .1991

(7) GAINZA, V. H. La Improvisacion Musical .Ricordi Buenos Aires, s/d

(8) Ver BARCELLOS, L.R. Musicalidade Clínica In A Clínica Musicoterápica. II Fórum Paranaense de Musicoterapia , Curitiba, Associação de Musicoterapia do Paraná, 2000